

Cinema  
de  
Arte

promoção

organização

direção

do

Acervo Digital

Walter

da

Silveira

Clube de Cinema da Bahia

12 - Março - 1966

# “COVIL DOS LOBOS”

(“Vlčí Jama”)

## FICHA TÉCNICA:

Argumento e roteiro — Jiri Weiss, Jiri Brdecka e Jarmysky Glazarove, sobre um romance do último

Direção — Jiri Weiss

Fotografia — Vaclav Hanus

Música — Jiri Srnka

Cenografia — Karel Skvor

Montagem — Miroslav Hacek

Interpretação — Jirina Sejbalo (Klara), Miroslav Dolezal (Robert), Jana Brejchova (Jana), Anezka Soukupoza (Martina).

Produção — Ceskolovensky Statni Film, 1958

— Prêmio da crítica internacional no Festival de Veneza de 1958

Aos vinte e um anos, em 1934, Jiri Weiss fez sua estréia cinematográfica com um documentário, «De sábado para domingo», que recebeu um prêmio em Veneza numa competição de cineastas amadores. Seguiram-se muitos outros até à guerra, quando, exilando-se na Inglaterra, passou a escrever argumentos, colaborou na realização de vários filmes, e incorporou-se ao Crown Film Unit, para esse grupo dirigindo uma série de documentários, especialmente sobre a participação da Tchecoslováquia na guerra.

De volta, Jiri Weiss se tornou o mais fecundo dos cineastas checos, com doze filmes até 1958, ano de «Covil dos lobos». Foi também, durante muito tempo, o mais audacioso esteticamente, como puderam demonstrá-lo «Apassionata» em 1959 e «Romeu e Julieta nas trevas» em 1960. Esses filmes o fizeram internacionalmente conhecido e admirado.

Apresentado, a princípio, *hors-concours*, no Festival de Karlov-Vary de 1958, «Covil dos lobos» despertou imediatamente a atenção e o louvor de um crítico exigente como Marcel Martin, que lhe assinalou a excepcional beleza, como «um admirável estudo de costumes de antes de 1914»: «filme amargo e duro, porém iluminado por uma estória de amor muito bela e pura». («Cinema 58», n. 30, pg. 19).

Na mesma revista, um mês depois (n. 31, pg. 53), Bernard Châdère, reportando o Festival de Veneza, falava da originalidade e do realismo de «Covil dos lobos», da notável fotografia de Vaclav Hanus e da magnífica interpretação de Jirina Sejbalo, a grande atriz do teatro checo.

Nem diferente seria o juízo de Amédée Ayfre, o respeitado crítico católico, em sua longa análise do Festival para «Télé-Ciné» (n. 78): «o próprio modelo do filme psico-sociológico dedicado ao estudo de um caráter e de um meio». O abade francês assinalava um certo classicismo na evocação da atmosfera e lembrava a excelência da *mise-en-scène*, dos desempenhos, da música e dos sons. «Certas sequências, como a do sono das três mulheres durante a partida de cartas ou a da morte da velha, unem com felicidade o odioso ao absurdo, quase Jiri Weiss a fazer recordar Luiz Buñuel, senão Goya».

Também Jacques Doniol-Valcroze escreveria para «Cahiers du Cinéma» (n. 88, pg. 40): uma obra solidamente construída dentro da tradição Flaubert-Zola. A pintura dos costumes burgueses numa pequena cidade checa, às vésperas da Grande Guerra, é sempre inteligente e precisa, com alguns toques de erotismo discreto e de ironia cruel. Um dos raros filmes dignos do Festival, completava.

**PRÓXIMOS PROGRAMAS:**

Dia 19 — «O corvo amarelo», de Heinosuke Gosho

Dia 26 — «A trapaga», de Federico Fellini

Acervo Digital

Walter  
da Silveira

— O Clube de Cinema da Bahia agradece à Cinemateca do  
Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro a apresentação de  
«COVIL DOS LOBOS.»